

# LINGÜÍSTICA EM TEXTOS DE ALUNOS DO 2º ANO

Celso Almiro Hoffmann<sup>1</sup>

**RESUMO:** A Lingüística, ciência da linguagem, apresenta nestas últimas três décadas avanços significativos seja na coesão, na coerência, e na pragmática, seja em seu segmento contextual ou argumentativo. O interesse deste texto visa à análise da aplicação dos elementos lingüísticos dessas áreas em situações concretas de textos produzidos por alunos do segundo ano do curso de Secretariado Executivo Bilíngüe. O interesse nessa abordagem tem interesse didático-pedagógico, pois interessa colocar à disposição do aluno uma orientação teórico-metodológica para que ele, se o desejar, possa dela lançar mão para ter competência na produção e na recepção textuais, área em que é flagrante a falta de domínio do jovem estudante, de modo geral. A sala de aula é o lugar em que a confluência entre teoria e prática lingüísticas deve acontecer, visto ser pressuposto básico para a o exercício da cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** coesão, coerência, textualidade, pragmática, argumentação.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é o de mostrar o desempenho dos alunos do 2º ano do Curso de Secretariado Executivo Bilíngüe no emprego dos fatores lingüísticos da coesão, da coerência e da pragmática em texto, cujo tema é *A clonagem humana*. Consta de três partes; a primeira, – *Duas palavras sobre coesão, coerência e pragmática*, que delimita o campo teórico que serve de referência para a produção lingüística dos alunos. Há aqui exemplos, com e/ou sem falhas, indicados pelo respectivo número da redação, produzidos por esses alunos. A segunda, que apresenta a *Análise lingüística do texto nº 3*, produzido por um aluno, para dar uma

---

<sup>1</sup> Mestre em Lingüística Textual, professor da rede pública de ensino Fundamental, Médio e Superior do Estado do Paraná, docente do Curso de Secretariado Executivo Bilíngüe da UNIOESTE/ Campus de Toledo. Membro do Grupo de Pesquisa em Secretariado Executivo Bilíngüe. [celsoah@certto.com.br](mailto:celsoah@certto.com.br)

visão de conjunto do emprego dos elementos lingüísticos trabalhados. E a terceira parte, *Nota final*, que encerra o texto.

## 1 DUAS PALAVRAS SOBRE COESÃO, COERÊNCIA E PRAGMÁTICA

O Curso de Secretariado Executivo Bilíngüe, na disciplina de Língua Portuguesa II, propõe um programa que tem como referência a Lingüística Textual e a Pragmática na abordagem, respectivamente, dos elementos lingüísticos e dos elementos extralingüísticos textuais, para que dêem ao aluno instrumental teórico visando a alcançar competência lingüística, condição necessária para responder, seja no campo pessoal ou profissional, às exigências deste terceiro milênio.

Essa proposta programática objetiva, antes e acima de tudo, dar conta da análise do texto do ponto de vista científico – a Lingüística é a ciência da linguagem – tanto na sua produção como na sua recepção, condição *sine qua non* para que o egresso desse curso domine com competência todos os fatores que demandam um produtor e um leitor de textos exemplar.

Nessa visão, de acordo com Koch & Travaglia:

“Há a adoção de uma perspectiva *textual-interativa*, já que os textos são o meio pelo qual a língua funciona, e isso não só resolve o problema de integração entre os diferentes aspectos do funcionamento da língua na interação comunicativa, mas também liberta o professor da tradição metodológica em que ele se deixa aprisionar pelo ensino da gramática como um fim em si mesmo, esquecendo-se de que, provavelmente, seja essa perspectiva mais pertinente para o aluno aperfeiçoar a capacidade de interação”. (KOCH & TRAVAGLIA, 1996: 83).

A *Lingüística Textual* oferece um conjunto teórico específico para a abordagem do texto. Assim, a *coerência* (Charolles, 1997) dá conta dos fatores envolvidos na macroestrutura; a *coesão* (Halliday & Hasan, 1976), dos fatores microestruturais. E a *Pragmática* (Beaugrande & Dressler, 1981) dos elementos ideológicos que envolvem os indivíduos de uma determinada formação social. Assim, todas as atividades são canalizadas em torno do *texto* que é visto, por Marcuschi:

“Como uma seqüência de atos de linguagem (escritos ou falados) e não uma seqüência de frases de algum modo coesas. Com isto, entram na análise geral do texto tanto as condições gerais dos indivíduos como os contextos institucionais de produção e recepção, uma vez que estes são responsáveis pelos progressos de formação de senti-

dos comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas”. (MARCUSCHI, 1983: 27)

Essa corrente lingüística não toma mais a palavra ou a frase isolada como matéria de investigação, mas o texto, pois é ele a unidade básica de manifestação da linguagem. Segundo Koch & Travaglia (1996:14), “o texto é muito mais que a simples soma das frases e palavras que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa, mas de ordem qualitativa”. E, desde a década de 70, mais precisamente na Europa, ela estuda a natureza do texto e os fatos lingüísticos envolvidos na sua produção e recepção. Essa lingüística tem duas vertentes: *a coesão e a coerência* – elementos lingüísticos por se acharem no texto e, a princípio, são consideradas conjuntamente, mas, com o decorrer dos anos, surgem obras que tratam cada uma dessas ramificações individualmente, estabelecendo nítida diferenciação entre elas.

Por exemplo, Charolles (1997: 47) diz que “certo número de gramáticos de texto estabelece uma distinção muito importante entre esses dois níveis de organização textual, que qualificam de macroestrutura e microestrutura”. Halliday e Hasan, em *Cohesion in English* (1976: 4), valorizam a coesão e dizem que ela “ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente de outro. Uma pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro”.

Mas a definição estabelecida por Marcuschi (1983: 28), que considera a coesão como elemento secundário para a textualidade de um texto, é a que, em linhas gerais, vigora hoje: “a coesão não é nem suficiente nem necessária para a textualidade, aspecto no qual discordo de Halliday & Hasan”.

Os mecanismos da coesão estabelecidos por esses lingüistas são: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. São elementos da coesão referencial *a exófora e a endófora, a anáfora e a catáfora*. *A substituição* consiste na colocação de um item em lugar de outro elemento do texto e *a elipse* é a omissão de um item lexical ou uma frase facilmente recuperáveis pelo contexto.

*A conjunção*, na análise dos trabalhos elaborados pelos acadêmicos, estará alocada no item *Operadores argumentativos*. *A coesão lexical* acontece pelo emprego de dois mecanismos: *a reiteração e a colocação*; aquela se faz pela repetição do mesmo item lexical ou pelo emprego de sinônimos, hiperônimos, no-

mes genéricos; e esta acontece no emprego de termos pertencentes a uma mesma área semântica.

A coesão, através desses mecanismos, cuida da análise dos elementos microestruturais encontrados na superfície do texto e que não fazem parte daqueles responsáveis para que um texto seja um texto, ou seja, tenha textualidade, condição de responsabilidade da coerência.

Quanto à coerência, temos o texto de Charolles (1997), Introdução aos problemas da coerência dos textos, para quem a *coerência* encontra-se na macroestrutura do texto, tem a incumbência de lhe dar *textualidade* e pode encontrar-se explícita ou implícita. São diferentes as atribuições da coesão e da coerência, tendo em comum, porém, segundo Costa Val (1994: 7), “a característica de promover a inter-relação semântica entre os elementos do discurso, respondendo pelo que se pode chamar de conectividade textual. A coerência diz respeito ao nexos entre os conceitos e a coesão, à expressão desse nexos no plano lingüístico”.

Charolles (*op .cit.*) estabelece quatro metarregras, denominadas a partir daqui, de fatores, como o faz Costa Val (*op. cit.*), para a ocorrência da textualidade em um texto. O primeiro fator é o da *continuidade*; um texto, para que seja coerente, deve apresentar, em seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita, relacionados ao seu tema central. São vários os elementos da língua que apresentam as repetições, como, por exemplo, *as pronominalizações, as definitivizações, as referências textuais, as substituições lexicais, recuperações contextuais, retomadas de inferência.*

O segundo fator de coerência é a *progressão*, que é a contrapartida da *continuidade*, pois, se o texto deve retomar seus elementos conceituais e formais, segundo Costa Val (1994), não pode se resumir a isso. Ao texto devem ser acrescentadas novas informações à idéia central que vêm sendo desenvolvida sob pena de o texto apresentar uma falha pragmática – nos quesitos *Conhecimento do mundo e aceitabilidade* – ou seja, poderá não contar com a cooperação de seu interlocutor.

O terceiro fator de textualidade desse lingüista francês é o da *não-contradição* que exige que se observe dois aspectos: o primeiro, no âmbito interno do texto, em que uma afirmação não poderá contradizer outra; e, o segundo, no âmbito externo, ou seja, o texto não poderá veicular qualquer conceito que contradiga ao mundo a que se refere. Assim, afirmar que *No Brasil todos os políticos são*

*ladrões* configura uma contradição, pois basta haver um só político decente nesse conjunto para estar configurada a contradição.

O quarto fator de coerência, que Charolles (*op. cit.*) estabelece, é a *articulação*. Os fatos e os conceitos são causas, conseqüências, condições de outros; por isso, como se encadeiam, como se organizam, que papéis exercem uns em relação aos outros – deve ser observado no âmbito interno do texto sob pena de ele apresentar desarmonia em suas relações

A *falta da articulação* pode configurar o *não-texto*. É o que ocorre com o fragmento da redação nº 27, abaixo, em que as idéias são dispostas de forma que a relação entre elas não está hierarquizada, ou seja, todas elas têm a ver com a clonagem humana, tema do texto, mas *essa relação não é explicitada*:

Muitas pessoas questionam se esse é o verdadeiro objetivo das pesquisas e se elas irão se tornar realidade, por isso há muitos impasses que restringem o acesso a utilização do método que os cientistas acreditam ser o mais eficiente que é a utilização das células-tronco embrionárias, afirmam que seu alto potencial de reprodução e especialização podem curar doenças hoje irreversíveis como diabetes, Parkinson, esclerose, Alzheimer entre muitas outras curas que poderiam acabar com o sofrimento e angústia destes, que não têm esperança alguma, ou seja, a clonagem seria usada sim, mas com fins terapêuticos e não como uma indústria de clonagem humana, este tipo de clonagem terapêutica garantir a qualidade de vida do ser humano e não a ameaça dele.

A *pragmática* é definida como fazendo parte dos fatores *extralingüísticos*, visto ser necessário, para a identificação de qualquer um de seus elementos, outros elementos que não os da coesão e da coerência, fatores lingüísticos.

Para Koch (1996), o ato lingüístico fundamental é o ato de *argumentar*, o que quer dizer que comunicar não é agir na explicitude lingüística e, sim, montar o discurso envolvendo *intenções, crenças, convicções, objetivos, perspectivas* (Grifo nosso.). Assim, os elementos pragmáticos assumem um caráter constitutivo na produção do sentido ao fazer parte do significado geral do enunciado.

Segundo Beaugrande & Dressler (1981), esses fatores, denominados pragmáticos, socioculturais ou contextuais, são cinco: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

Koch (1996) arrola, por sua vez, *os fatores pragmáticos* com marcas lingüísticas da *argumentação*:

- a) **os tempos verbais no discurso.** Koch (1997), leva em consideração os dois tipos de atitude comunicativa dos tempos verbais do lingüista alemão Weinrich: o mundo comentado e o mundo narrado. No primeiro, há um *comprometimento* do locutor com o que é dito no seu texto; a sua postura é tensa, há pleno envolvimento com o dito, o locutor *responsabiliza-se, compromete-se* com o que ele enuncia. Os tempos centrais desse mundo são principalmente *o presente e o futuro do indicativo*. E esta seria a função principal desse tempo verbal e não a de marcar um momento no tempo.

Assim, o locutor do texto nº 29 *assume* o seu enunciado, não mostra dúvida em relação ao que manifesta: “Amplamente discutidos, os temas sobre clonagem *geram* polêmica. Principalmente no campo religioso que, discordando dos cientistas, *alega* que a capacidade de criar uma vida *cabe* só a Deus. *Existem* os dois lados, cada um com suas razões”.

- b) **a pressuposição.** Segundo Platão e Fiorin (1996), pressupostos são idéias não expressas na superfície do texto, mas cujo sentido decorre logicamente do sentido de certas palavras que a frase contém. Detectar os pressupostos é importante e necessário visto ser eles recurso argumentativo significativo podendo transformar o ouvinte em cúmplice, já que as idéias veiculadas na frase não são colocadas em discussão, mas dadas já como aceitas pelo ouvinte. Alguns elementos que desencadeiam conteúdos pressupostos explícitos: *já, ainda, agora, primeiro, último, começar, ficar, deixar de*.
- c) **as modalidades do discurso.** Esses elementos são importantes na construção do sentido, pois envolvem o locutor na construção do conteúdo proposicional de um enunciado. Assim, sua postura subjetiva, como *sentimentos, intenções, atitudes do locutor*, segundo Koch (1996), revelam o grau de envolvimento do falante com o seu texto.
- d) **os operadores argumentativos.** A argumentatividade está inscrita na própria língua, é inerente a ela, não é algo que é acrescentado aleatoriamente ao uso lingüístico. Cada língua possui um conjunto de elementos cuja função é a de orientar o interlocutor para uma linha argumentativa ou outra. Entre os principais operadores argumentativos, arrolados em Koch (1996: 30), temos aqueles que:

1. indicam o argumento *mais forte* de um conjunto, com o objetivo de determinada conclusão: *até, mesmo, até mesmo, inclusive*. O texto de nº 2 exemplifica assim: “Os cientistas alegam que com a criação dos embriões humanos poderá descobrir-se a cura ou *até mesmo* evitar doenças como o diabetes, mal de Alzheimer e outras”. Dessa forma, para o locutor desse texto, entre os argumentos arrolados, o mais forte é o que segue o operador argumentativo **até mesmo**;
2. somam argumentos para uma mesma conclusão: *e, também, ainda, não só... mas também, além disso, a par de, aliás*. O texto de nº 13 tem um exemplo: “Há religiões que são contra a clonagem **e** contra outros procedimentos científicos como a transfusão de sangue”. O operador argumentativo **e soma** os dois argumentos: *Há religiões... clonagem + contra outros... sangue*;
3. apresentam uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores: *portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência*;
4. apresentam uma justificativa ou explicação em relação ao enunciado anteriormente apresentado: *porque, que, já que, por, pois*. O texto nº 34 explicita assim esse operador argumentativo: “Ainda é muito comum ouvir pessoas, mais precisamente brasileiros, rejeitarem a Ciência **por** ser algo que corrompe muitas vezes as barreiras e crenças de sua religiosidade”. Nesse exemplo, o operador **por** apresenta o motivo, a justificativa da consequência que introduz a frase;
5. apresentam argumento contrário e predominante em relação ao argumento anterior: *mas, porém, contudo, no entanto, entretanto*. Um exemplo dessa modalidade argumentativa temos no texto de nº 6. “Obviamente se a clonagem for utilizada de má fé é um grande perigo para a humanidade. **Mas** se pensarmos em quanta gente poderia voltar a ter uma vida normal seria maravilhoso”. Como podemos observar, o argu-

mento introduzido por **mas** se opõe a e predomina em relação ao anterior;

6. apresentam apenas ressalva, restrição ao argumento anterior, sem ser predominante: *embora, ainda que, apesar de.*

## 2 ANÁLISE LINGÜÍSTICA DO TEXTO Nº 3

Esse texto, produzido por um aluno da turma, tem como referência teórica os elementos lingüísticos da coesão, da coerência e da pragmática arrolados na primeira parte.

### CLONES: SIM OU NÃO

*A clonagem humana apesar de ser uma técnica recente já é um assunto muito polêmico. Essa façanha alcançada pelos cientistas de duplicar um ser – inclusive humano – passa pelo ponto de vista de todos os segmentos da sociedade e cada um filtra-o conforme seus interesses.*

*O caso da igreja, por exemplo, é típico. As religiões tratam disso polemicamente. Aquelas mais tradicionais e rígidas abominam a idéia de o homem criar outro homem. Enquanto isso os mais modernos com filosofias atuais já relevam essa idéia.*

*A sociedade em geral tem opiniões muito variadas que correspondem as suas culturas e até a religião. Nos países desenvolvidos, onde a ciência é mais avançada, as pessoas já preparam-se psicoogicamente e começam a absorver aos poucos a idéia. Enquanto isso em populações mais conservadoras luta-se contra esse novo capítulo da ciência.*

*Além disso, os cientistas: alguns totalmente a favor olham o lado positivo da cura de doenças, o leque de possíveis pesquisas que seriam realizadas, e outros preocupam-se com possíveis mutações humanas ou nas conseqüências trágicas que podem ocorrer.*

*Um assunto realmente polêmico em que cada qual busca defender seus princípios recai nas mãos dos órgãos reguladores e governamentais que têm a difícil tarefa de encontrar um ponto de equilíbrio entre o lado bom e o mau.*

## 2.1 A COERÊNCIA

A **continuidade** no 1º parágrafo apresenta-se pela expressão *clonagem humana*; no 2º, com certa redundância, ela flui com *disso* (l. 4), com *o homem criar outro homem* (l. 5) e é retomada por *essa idéia* (l. 6); no 3º, a retomada é feita por *a idéia* (l. 9) e por *esse novo capítulo da ciência* (l. 10); no parágrafo seguinte, a continuidade se faz pela elipse em *alguns totalmente a favor* que pressupõe *a favor* da clonagem humana e em *nas conseqüências trágicas que podem ocorrer* (l. 13) com ela (clonagem); no último parágrafo, *um assunto* (l. 14) faz a retomada, juntamente com a elipse que há *em equilíbrio entre o lado bom e o mau* do termo clonagem.

O texto apresenta o segundo fator de coerência ao fazer o texto **progredir** com informações novas, tornando-o útil e interessante para quem o lê atendendo o fator pragmático da **aceitabilidade**. No primeiro parágrafo, informa-se a respeito da polêmica causada pelo assunto tratado no texto nos diversos segmentos sociais; no segundo, a reação do meio religioso está em pauta; no terceiro, as opiniões da sociedade variam conforme seu *status* cultural; aparecem, no parágrafo seguinte, as inclinações dos cientistas; e, no último, em termos convencionais, a conclusão retoma sinteticamente o discutido no texto.

O caso, que inicia o segundo parágrafo (l. 4), é elemento de **articulação** para com o exposto no primeiro; *além disso* (l. 11), em que *além* é operador argumentativo que soma argumentos para uma determinada conclusão e *isso* que retoma o parágrafo anterior – constituem o terceiro fator da coerência. No último parágrafo, temos o elemento lingüístico *assunto* (l. 14), que articula a conclusão com os argumentos antecedentes.

O texto não apresenta contradição interna, nem externa, atendendo o quarto e último fator de coerência, a **não-contradição**.

## 2.2 A COESÃO

Os elementos coesivos começam com *essa façanha* (l. 1-2); *o, seus* (l. 3); *isso* (l. 4); *que, suas* (l. 7); *onde, se* (l.8); elipse em *começam* (l. 9); *isso* (l.9); *que, e, se* (l. 12); *que* (l. 13); *em que, seus* (l. 14); *que, e* (l. 15).

## 2.3 A PRAGMÁTICA: RECURSOS ARGUMENTATIVOS

O texto inicia apresentando – uma redundância! – três indicadores explícitos de pressuposição: *já* (ls. 1, 6, 8), cujos pressupostos, em ordem, são: (1) *O assunto clonagem humana não era polêmico*, (2) *Os mais modernos não relevavam essa idéia*, (3) *As pessoas não preparavam-se psicologicamente; começam* (l. 9), em que o pressuposto encontra-se em *Nos países desenvolvidos, as pessoas não absorviam a idéia; novo* (l. 10), em que esse elemento lingüístico desencadeia o pressuposto: *Havia outros capítulos da ciência antes*.

O enunciador do texto apresenta-se convicto, determinado, firme, comprometido com o tema abordado, e essa postura é confirmada pelo emprego dos **tempos verbais**, na grande maioria dos parágrafos, no presente do indicativo, como por exemplo: *é, passa, filtra*, no primeiro; *é, tratam, abominam, relevam*, no segundo; *tem, correspondem, é, preparam, começam, luta*, no terceiro; *olham, preocupam*, no quarto; e, finalmente, *busca, recai e têm*, no parágrafo de encerramento.

Os **operadores argumentativos** empregados são: *apesar de* (l. 1), cuja ressalva encontra-se em *A clonagem humana é uma técnica recente; até* (l. 7), cuja função é indicar o argumento mais forte do conjunto apresentado, que é *até a religião*; e (l. 12), a quem cabe somar os argumentos que se encontram em: *Alguns cientistas a favor... realizadas + outros preocupam-se com possíveis mutações humanas... ocorrer*.

O enunciador materializa sua postura subjetiva – **modalização do texto** – no conteúdo proposicional através do emprego do futuro do pretérito *seriam* (l. 12) em *...o leque de possíveis pesquisas que seriam realizadas*; e pela utilização repetida do elemento lingüístico *possíveis* (l. 12); essa modalização continua com *podem* (l. 13) na frase *...nas conseqüências trágicas que podem ocorrer*.

Em virtude do exposto linhas acima, o texto nº 3 tem **textualidade**.

## 3 CONCLUSÕES

Acredita-se que os avanços da lingüística – independente de sua variante: textual, pragmática ou da análise do discurso – devem chegar à sala de aula tão

carente de uma postura metodológica que alavanque a competência lingüística na produção e na recepção do texto. As dificuldades que aqui residem são vistas a olho nu e há tempo.

Para fazer frente a isso, a ciência da linguagem oferece elementos que podem ser transferidos para o ensino, deixando de ser refém da gramática como um fim em si mesmo, segundo expõe Koch (1996).

Neste sentido, o exercício feito nestas páginas tem o objetivo de mostrar que as experiências neste campo devem ser explicitadas para que sejam somadas a outras que, com certeza, acontecem nas milhares de salas de aula, cujo idioma é a Língua Portuguesa. E essa transferência, feita, muitas vezes, com todas as ressalvas que os obstáculos a tal tarefa colocam, não deve inibir nenhum docente.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Curso de redação**. São Paulo: Ática, 2004.
- BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. **Introduction to text linguistics**. Londres: Longman, 1981.
- CHAROLLES, M et al. **O texto, leitura & escrita**. 2ª ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- HALLIDAN, M. A. & HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.
- KOCH, I. V. **A coesão textual**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C. A 7ª ed. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Texto e coerência**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- MAIA, J. D. **Literatura: textos & técnicas**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. **Lingüística de texto: O que é e como se faz**. Série Debates 1. Universidade Federal do Pernambuco, 1983.
- PLATÃO, F. S. & FIORIN, J.L. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo, Ática, 1996.